



### A DEPENDÊNCIA SIMBÓLICA NO DISCURSO DO FUMANTE

Maria Cristina Costa<sup>1</sup> (PPGLEtras-UEMS)  
[luizacastelari@hotmail.com](mailto:luizacastelari@hotmail.com)

Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira<sup>2</sup> (PPGL-UNEMAT)  
[rosiregio@gmail.com](mailto:rosiregio@gmail.com)

**RESUMO:** Com base no instrumental teórico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), o presente artigo visa abordar o discurso dos atores envolvidos no Programa de Prevenção e Controle ao Tabagismo, realizado no período de abril de 2010 a março de 2013, na cidade de Três Lagoas, estado de Mato Grosso do Sul. Tendo em vista que pesquisas sobre o tema ainda se encontram em áreas ligadas à saúde, tratar da questão do controle e prevenção do tabagismo, na perspectiva discursiva, é uma forma de ressaltar a relevância política e social do tema – uma vez que os discursos se constituem como práticas sociais – na tentativa de compreender o modo pelo qual a sociedade se reconfigura nesse momento histórico de luta por qualidade de vida e saúde. Nosso objetivo é analisar como, ao dizer a partir da condição de fumante, o sujeito se posiciona em relação à necessidade ou à importância do cigarro para a sua sobrevivência e como essa necessidade se constitui enquanto uma dependência simbólica ou não. Investigar o uso do tabaco enquanto uma construção representacional histórica em relação à sociedade e à própria forma de subjetivação do indivíduo pode nos levar a compreender como se constrói essa representação simbólica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso; Fumante; Dependência simbólica; Dependência da nicotina.

**ABSTRACT:** Based on the French Discourse Analysis (AD) theoretical instrument, this article aims to analyse the discourse of the actors involved in the Smoking Prevention and Control Program, held from April 2010 to March 2013, in the city of Três Lagoas, state of Mato Grosso do Sul. Taking into consideration that research on this subject is still in health-related areas, addressing the issue of tobacco control and prevention from a discursive perspective, is a way of highlighting the relevance of the political and social theme - since the discourses are constituted as social practices - in an attempt to understand the way society reconfigures itself in this historical moment of struggle for quality of life and health. Thinking from the smokers perspective, our objective is to analyze how the subject is positioned in relation to the need or importance of cigarettes for its survival and how this need is constituted as a symbolic dependence or not. The investigation of the use of tobacco as a historical representational construction in relation to society and the individual's own form of subjectivation can lead us to understand how this symbolic representation is constructed.

**KEYWORDS:** Discourse Analysis, Smoker, Symbolic dependence, Nicotine addiction.

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Franca UNIFRAN (1994). Tem especialização em Vigilância Sanitária e Epidemiológica UNAERP-Ribeirão Preto e especialização em Gestão da Clínica nas Regiões de Saúde. Atuou como coordenadora do Programa Municipal de Prevenção e Controle ao tabagismo (2010 a 2013). Trabalha como psicóloga efetiva pela Secretaria Municipal de Saúde de Três Lagoas-MS.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística/Semântica pela Universidade Estadual de Campinas; professora na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul; professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT.



## Introdução

Num breve percurso histórico do uso do tabaco, (VIEGAS, 2007) pode-se dizer que tal hábito é notado há muito tempo em diversas sociedades do mundo, sob inúmeras formas e diferentes significados culturais, sociais e econômicos. Destaca-se que o cigarro se restringia às camadas marginais das sociedades como, por exemplo, os imigrantes, os trabalhadores braçais, as prostitutas e os boêmios. No entanto, observam-se três fatores para seu aumento e propagação: a urbanização desenfreada, a massificação e a expansão do mercado de trabalho, o que tem seu ápice nos Pós-Guerras, com a popularização das telas *Hollywoodianas*, em que o ato de fumar tornou-se símbolo de glamour e modernidade.

No processo de apropriação está o sentido de contradição, pois os sentidos do que seja a dependência se é simbólica ou química significam uma diversidade de posições discursivas, o que representam práticas discursivas e não discursivas ainda não estabilizadas na ordem do discurso da saúde. Diante dessas questões, filiamo-nos ao campo teórico-metodológico da Análise de Discurso Francesa (AD) que se consolidou na década de 1960, a partir dos trabalhos de Pêcheux, alguns deles em parceria com outros teóricos. A AD, onde se conjugam sujeito, história e ideologia, compreende por objeto o discurso e o entende com um *continuum*, “efeito de sentidos entre locutores”, conforme Pêcheux (1997) e Orlandi (2005, p. 21).

Assim, o linguístico e o social se relacionam na construção dos sentidos e o sujeito se constitui por esse entrançamento: o sujeito se relaciona com a história, com os sentidos, com a memória, com a ideologia e com a língua para produzir o dizer e para construir a si e aos outros. Os sujeitos são construções sócio-históricas, constituídos na/pela heterogeneidade do discurso, “no e pelo espelho do olhar do outro”, postula Coracini (2007, p. 9). No caso do fumante, os familiares fazem “campanhas” para que esses parem com o vício que pode levá-los à morte.

Nessa perspectiva, interpretamos que, em geral, o fumante vive no entremeio entre satisfazer a si e a dependência simbólica e a angústia de não agradar ao olhar do(s)



outro(s) no rompimento com o cigarro. Há um jogo de representação discursiva em processo, que nos propomos analisar.

Assim, nosso objetivo é analisar como, ao dizer a partir da condição de fumante, o sujeito se posiciona em relação à necessidade ou à importância do cigarro para a sua sobrevivência e como essa necessidade se constitui enquanto uma dependência simbólica ou não. Buscaremos, então, descrever as formas de representação que o sujeito tem a respeito do uso do tabaco e a sua própria representação enquanto dependente do cigarro; analisar no funcionamento do discurso dos fumantes, os sentidos produzidos em relação à dependência: simbólica ou química. Analisar o uso do tabaco enquanto uma construção representacional histórica em relação à sociedade e à própria forma de subjetivação do indivíduo pode nos levar a compreender como se constrói essa representação (ORLANDI, 2005).

### **O DISCURSO E A CONSTITUIÇÃO DOS SENTIDOS**

Quando se trata de leitura, alguns equívocos estão tradicionalmente presentes na contemporaneidade, tais como: a relação instrumental com a língua, a ilusão da transparência da linguagem, a não opacidade do texto e uma relação de completude com uma língua entendida em si mesma, que exclui o sujeito falante. No intuito de empreender gestos de leitura e interpretação e observar o modo como se constitui o sujeito a partir desses gestos, nos embasamos em Orlandi (2008, p. 90), que afirma: “A leitura é um dos elementos que constituem o processo de produção da escrita”, nossa hipótese é a de que a constituição do sujeito se inicia no seu gesto de interpretação do texto. Se a sociedade compreende o texto como um veículo de informação com sentido único, a assunção de constituição do sujeito estará prejudicada já que, de acordo com Orlandi (2008), a função-sujeito é aquela mais próxima do social, levando-se em conta o interlocutor. Mas, se a sociedade compreende e trabalha o caráter prático e social da língua e o texto como “peça de linguagem” (ORLANDI, 2007), a função- sujeito será facilitada.



A divisão social da leitura já foi discutida por Pêcheux em “*Ler o arquivo hoje*” (2010). Nesse texto, Pêcheux denuncia como certos grupos tentam transmitir um sentido único ao texto. Para a Análise de Discurso, a leitura é múltipla, pois diferentes discursos atravessam o texto e os sujeitos-leitores. Acreditamos que problematizar a leitura, desmistificando o seu sentido único, traz contribuições para a escola, para a universidade em seu caráter científico e para a sociedade em geral

Orlandi (2007) diz que o texto é um objeto com começo, meio e fim e não é uma unidade fechada. “Um texto tem relação com outros textos, com suas condições de produção, com o que chamamos sua exterioridade constitutiva” (ORLANDI, 2007, p. 54). Além disso, Orlandi (2007) afirma que o texto é materialidade histórica. Há uma historicidade inscrita nele. Por historicidade devemos entender os sentidos inscritos no texto e não um reflexo da história no texto, pois não se trata de “conteúdos” prontos existentes e, sim, uma construção de sentidos a partir do texto. Em uma palavra, a leitura é historicidade, pois traz o sujeito (leitor, escritor) de volta à língua.

A historicidade compreende que os processos de significação são determinados pelas condições de produção dos sentidos – os sujeitos e a situação – sustentados pelas posições que esses sujeitos ocupam na sociedade. A leitura é produzida (ORLANDI, 2008). O que se percebe hoje em dia é que há uma desconsideração dos aspectos históricos da constituição dos sentidos, em nome de um sentido único institucionalizado.

Para a língua significar, é preciso que a história intervenha. Uma história feita por sujeitos em um ambiente social. A leitura é, então, interação entre sujeitos: “O leitor não interage com o texto (relação sujeito/objeto), mas com outro(s) sujeitos(s) (leitor virtual, autor etc.)” (ORLANDI, 2008, p. 9). O processo de significação do texto se desencadeia com os interlocutores, ou seja, quando o sujeito-escritor escreve sabendo que seu texto será lido. Para isso, o sujeito-escritor precisa se fazer entender para/pelo outro (o interlocutor), principalmente, e não apenas para si mesmo. Em outras palavras, é o que Orlandi (2008) diz do confronto entre o leitor virtual (constituído no ato de



escrita) e o leitor real (aquele que de fato lê o texto). Escrever e ler envolve responsabilidades por parte tanto de quem escreve quanto de quem lê.

A análise será feita de acordo com a proposta de Orlandi (2007, 2008) sobre sujeito e autoria. Procuraremos perceber, na heterogeneidade do universo discursivo, como o sujeito se constitui ao enunciar, do lugar de fumante, em relação ao “vício”; como o discurso desses sujeitos produz sentidos que possibilitam perceber o funcionamento da dependência simbólica ou da dependência da nicotina. Mostraremos as multiplicidades de sentidos atribuídos ao mesmo objeto, a dependência, que pode ser simbólica ou não. Para isso, trazemos a compreensão de interpretação, ideologia e formações imaginárias.

A interpretação tem relação com a ideologia. Face a qualquer objeto simbólico, ou seja, os textos, o sujeito é obrigado a interpretar (ORLANDI, 2006). Interpretar é significar, “tornar possíveis gestos de interpretação” (ORLANDI, 2006, p. 24). O sujeito interpreta a partir de uma condição de produção específica. Mas o sujeito tem a impressão de que sua interpretação é única e verdadeira. Essa impressão é dada pela ideologia. A ideologia é a evidência de um sentido sempre-já-lá. O processo ideológico sustenta-se sobre um já-dito. Os sentidos aparecem como naturais e universais. A ideologia apaga a interpretação no momento em que ela acontece. Os sentidos apresentam-se para o sujeito como que colados às palavras. Mas os sentidos se inserem em formações discursivas, que, em uma conjuntura sócio-histórica dada, definem o que pode e deve ser dito. Dentro das condições de produção dos sentidos, temos o mecanismo de antecipação. Segundo ele, o sujeito assume a posição de seu interlocutor como que para antecipar o efeito de sentido provocado por seu dizer. A antecipação liga-se à formação imaginária.

Em Análise de Discurso, a compreensão do sujeito não é a de um sujeito físico, empírico, sociológico, que existe a priori, mas de um sujeito que se constrói no discurso. Os sujeitos assumem uma posição-sujeito. O que conta são as imagens que os sujeitos produzem de si mesmos e dos seus interlocutores. As situações de fala serão regidas por essas imagens.



Ainda é comum na cultura ocidental a imagem de um sujeito único, natural, logocêntrico, origem e fonte de seu dizer, com uma identidade una e pronta. No âmbito da aprendizagem, esse sujeito é o da memória cognitiva, que está na escola para aprender vocabulário, estruturas, sentenças prontas, a verdade única do professor. Para a Análise de Discurso, a identidade é sempre móvel, está em constante transformação; o sujeito é constitutivamente heterogêneo, ele assume diversas posições em diferentes situações – ao dizer, ele retoma sentidos preexistentes. A partir desse sujeito da Análise de Discurso é que compreenderemos nosso corpus.

Orientar-nos-emos pela indagação de pesquisa: O fumante, em suas recaídas, tem aumentada a frustração, o que leva à desistência ou protelação do tratamento: a dependência do fumante seria da nicotina ou trata-se de uma dependência simbólica do vício? Da posição sujeito psicóloga e coordenadora do Programa pude observar a recorrência de discursos como: “o fumante que consome menos cigarro ao dia tem mais facilidade em parar de fumar”. Ao constatar que isso não ocorre de fato, fui instigada a problematizar o fato. Quais formações discursivas concorrem entre si nesta polêmica? Quais discursos apresentam-se mascarados nesta polêmica? Que efeitos de sentidos de saúde e bem-estar social podem ser resgatados a partir destas discursividades? Problematizar o sentido que o ato de fumar provoca no indivíduo, na posição sujeito fumante, e no tocante à (des)construção desse ato com o abandono do cigarro é um dos objetivos desta pesquisa.

Essas indagações serão pertinentes para cumprirmos com o objetivo geral que é analisar o funcionamento de alguns discursos sobre as formas de representação simbólica social e individual em que o sujeito se constitui enquanto fumante: entre a dependência simbólica do vício e a dependência da nicotina. Dentre os objetivos específicos estão: Descrever as formas de representação simbólica que o sujeito concebe a respeito do uso do tabaco e a sua própria representação simbólica enquanto dependente da nicotina; analisar como se dá a (des)construção do discurso do sujeito fumante.



A partir do gesto de leitura ou gesto de interpretação sobre os recortes, notamos que os sujeitos possuem diferentes relações com a língua(gem), que são resultados das diferentes formas de individuação pela língua e pela ideologia por que passam dentro do ambiente sócio-histórico em que se inserem. Os conhecimentos que demonstram revelam a história que possuem com a saúde e a maneira como enxergam o bem-estar. Os gestos de interpretação a partir da leitura de um texto autêntico – entrevistas - existente no social revelam que eles mobilizam uma memória de saber referente a uma concepção de saúde, de vida e de bem-estar.

Os registros analisados são parte do Programa de Prevenção e Controle ao Tabagismo. O Programa em questão impulsionou os coordenadores na busca pela definição do que seria uma esfera política de ação. O Estado pode fazer isso? Essa é uma questão recorrente e que se tornou o *locus* de construção da identidade, da cidadania e da luta por saúde pública e bem-estar social.

Interessa-nos saber o modo como a “memória discursiva” (PÊCHEUX, 1999, p. 52) é acionada nos enunciados produzidos pelos fumantes nas entrevistas e reconhecer as atualizações e os silenciamentos sobre o tema, identificando discursos que perpassam o processo de (re)configuração social. No entanto, é importante dizer que, embora a “memória discursiva” seja acionada nesses enunciados, os sentidos produzidos pelos fumantes sobre o Programa de Prevenção e Controle ao Tabagismo poderão ser outros, em razão do momento histórico em que emergem essas discursivizações, entendendo que a memória opera uma certa tensão entre a estabilização e a produção de “novos” sentidos. Para Pêcheux (2006, p. 75):

[...] todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço [...]

O momento para tal discussão não poderia ser mais oportuno, já que a saúde pública brasileira vive hoje uma fase histórica de retrocessos, o que permite aos



cidadãos o exercício de um papel ativo na constituição de sua própria identidade. Entretanto, para uma discussão profícua é relevante não esquecer que a “voz” sempre foi cedida àquele que detém o poder e, até há pouco tempo, cabia exclusivamente ao Estado discursivamente estabelecer os padrões políticos, as decisões administrativas que o cidadão deveria ter. Diante disso, um questionamento parece se impor: “Como construir um lugar próprio para o público se o Estado é o ‘dono da voz’?”

Além das questões políticas e sociais, é preciso considerar, na irrupção deste novo ideal de saúde pública, a influência dos discursos e da cultura globalizada, neoliberalista, do discurso do sujeito coletivo, à medida que se observa uma tendência, talvez mundial, de campanhas por ambientes livres de tabaco.

O entendimento das relações de poder que perpassam essas discursividades fortalece a relevância das análises a que este estudo se propõe, uma vez que esta abordagem permitirá compreender, em alguma medida, as lutas de forças que estão sendo postas em jogo e se estas são capazes de redefinir um social contaminado pela cultura globalizada do bem-estar social.

Esse “olhar-leitor” ou “gesto de leitura” se inscreve no campo da AD que trabalha a análise no limite do linguístico com o social, objetivando interpretar os discursos dos participantes/ou pacientes sobre o Programa de Prevenção e Controle ao Tabagismo, denunciando certo deslocamento da esfera político-administrativa. Sendo a forma material do discurso ao mesmo tempo linguístico-histórica, criando sentidos. Portanto, é necessário situar a AD dentro dos estudos linguísticos e, ao mesmo tempo, fora dos mesmos, ou seja, o objeto de suas reflexões não é a materialidade linguística, mas a constituição dos discursos e a possibilidade de serem enunciados.

Desataca-se, porém, que só é possível fazer uma leitura dos discursos porque eles têm uma existência material, porque eles contêm regras da língua de um lado e o entendimento efetivo do que foi dito de outro. Assim, a AD entende o discurso não como um dado unicamente empírico, mas principalmente como um enunciado social e histórico.



Essa discursividade provocou um “furo nas redes de memória” (PÊCHEUX, 2006) para se inscrever na ordem política, disputando espaço com a ordem já estabilizada historicamente. Essa irrupção requer e reivindica sentidos, desestabiliza outros, competem com outros, a partir de uma ordem social que se pressupunha fixa, marcada e inscrita.

Para Pêcheux (1999, p. 52), o “acontecimento” precisa “perturbar a memória”, isto é, precisa impor-se perante ela; se o acontecimento não desestabilizar a memória será absorvido por ela como se nunca tivesse ocorrido/existido. O Programa de Prevenção e Controle ao Tabagismo existiu e abriu uma brecha na memória discursiva e nas redes de filiação histórica, por isso a constituição do sujeito enquanto dependente simbolicamente do vício ou dependente da nicotina reivindica sentidos.

De acordo com Hall (2000, p. 7)

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada ‘crise de identidade’ é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Ainda, para Hall (idem, p. 12), “dentro de nós coexistem identidades contraditórias, pressionadas em direções diversas, de modo que nossas identidades estão sendo continuamente mudadas [...]”, a identidade totalmente segura, completa, unificada e coerente é uma fantasia.

Assim, pressupõe-se que a identidade não é, esse algo sempre lá, em algum lugar, mas que é (re) construída, adaptada, significada, de acordo com as circunstâncias sociais e históricas. Dessa forma, de acordo com Pêcheux (2006, p. 54), para se enunciar uma forma diferente de discurso, precisa-se enunciar uma outra identidade, ou “forma-sujeito”, na linguagem da AD, que nunca antes fora enunciada. Essa nova identidade precisa se constituir dentro da tensão relacional, a qual incita negociação,



sendo assim considerada como uma construção histórica no bojo da luta de classes e das relações de poder.

Sendo o nosso objeto de análise entrevistas dos participantes/ou pacientes do Programa de Prevenção e Controle ao Tabagismo, o objetivo se concentra em analisar o discurso dos atores envolvidos nesse processo buscando, assim, observar alguns “efeitos de sentido” (PÊCHEUX, 1999, p. 164) desse discurso na (re) construção da(s) identidade(s) (HALL, 2000) ou “identificação” (ORLANDI, 2001) desses pacientes.

Analisar é se desdobrar na relação entre descrição e interpretação. De acordo com Pêcheux (2002, p. 54), “toda descrição abre sobre a interpretação”, para que “através das descrições regulares de montagens discursivas, se possam detectar os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomadas de posição reconhecidas como tais, isto é, como efeitos de identificação assumidos e não negados” (idem, p. 57). Para Pêcheux (idem, ibidem), a interpretação é “uma questão de ética e política: uma questão de responsabilidade”.

A proposta aqui apresentada diz respeito ao discurso de sujeitos fumantes que participaram do *Programa de Prevenção e Controle ao Tabagismo* realizado no período de abril de 2010 a março de 2013, ofertado por meio de parcerias das esferas municipal, estadual e federal em Três Lagoas-MS. Estar no Programa implicou aos sujeitos integrarem ações como: participação das reuniões de grupo semanal com psicólogo (pela abordagem em psicoterapia breve); uso de medicamentos (adesivos de nicotina e o ansiolítico bupropiona) e consulta prévia a pneumologista.

A escolha desses enunciados se dá em virtude de conterem, em seus aspectos e em seu formato material, de forma “objetiva” e assumida, as orientações, as propostas, os objetivos, as reflexões em torno desse “novo” perfil cidadão. Os enunciados contidos nas entrevistas foram o primeiro recorte e a escolha desses enunciados nas entrevistas se justifica por constituírem-se num espaço privilegiado de orientação “programática”; entendendo as entrevistas em questão como o espaço que melhor expressa as orientações ideológicas assumidas ou não como posições ideológicas.



Para Orlandi (1984, p. 14), “os recortes são feitos na (e pela) situação de interlocução, aí compreendido um contexto (de interlocução) menos imediato: o da ideologia”. Ou seja, o que se recorta extrapola um conjunto de formulações linguísticas, demandando um esforço – e uma grande responsabilidade política e científica do analista – de compreensão de determinadas relações textuais incidentes em uma interlocução, enquanto que “por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação” e “um recorte é um fragmento da situação discursiva” (ORLANDI, 1984, p. 14),

Na perspectiva discursiva, o *corpus* é constituído a partir de um “recorte<sup>3</sup>” de discursos determinados pelas condições de produção, levando-se em consideração os objetivos teóricos que nortearão as análises, possibilitando, deste modo, uma leitura não subjetiva dos discursos.

## O FUMANTE E A DEPENDÊNCIA SIMBÓLICA

Neste tópico, em que apresentamos as análises, optamos por selecionar os enunciados em tabelas correspondentes a cada pergunta que foi dirigida aos sujeitos. Desta forma, temos a pergunta de pesquisa e a resposta, na tabela, do Sujeito (S1, S2, S3 e S4). Num primeiro momento, apresentamos os discursos dos pacientes/colaboradores que deixaram de fumar durante o tratamento, para depois apresentarmos os discursos daqueles que não conseguiram deixar de fumar durante o tratamento. A opção por essa abordagem é aleatória.

No item seguinte procedemos à análise desses discursos com base na teoria já mencionada.

### Perfil dos Sujeitos pesquisados

Sujeito	Idade	Sexo	Profissão
1	56	Feminino	Técnica em Enfermagem

<sup>3</sup> Recorte aqui entendido como “unidade discursiva; fragmento correlacionado de linguagem e situação (ORLANDI, 1987, p. 139)



2	48	Feminino	Técnica em Enfermagem
3	61	Feminino	Vendedora de pães ambulante
4	57	Feminino	Manicure

Observa-se nos dados da Tabela 1 que os sujeitos da pesquisa são todos do sexo feminino, cuja faixa etária vai dos 45 a 60 anos, o que caracteriza um público bastante experiente em relação à vida, podendo acrescentar que os mesmos se constituem também em chefes de famílias.

Quanto à classe social, também é bastante significativa, tendo em vista que a metade possui uma profissão formal, que demanda formação institucionalizada, enquanto a outra metade também são profissionais, cujas profissões também demandam estudos, porém em menor escala e menos formal.

A seguir, nos debruçamos sobre o *corpus* com o objetivo de analisar o funcionamento dos discursos sobre as formas de representação social e individual em que o sujeito se constitui enquanto fumante à luz dos conceitos da Análise do Discurso. Objetivamos, então, descrever as formas de representação simbólica que o sujeito concebe a respeito do uso do tabaco e a sua própria representação simbólica enquanto dependente da nicotina; analisar como se dá a (des) construção do discurso do sujeito fumante.

## 1. Por quanto tempo você fumou?

S1	Fumei desde os 9 anos de idade e parei aos 50 anos, fumei 41 anos
S2	Fumou por 30 anos.
S3	Fumei por 40 anos, 12 anos fumava parei com 54 anos.
S4	Comecei fumar aos 13 anos e parei aos 50 anos.

Em “Fumei desde os 9 anos de idade e parei aos 50 anos, fumei 41 anos”, “Fumei por 30 anos”, “Fumei por 40 anos, 12 anos fumava parei com 54 anos” e “Comecei fumar aos 13 anos e parei aos 50 anos” temos implícito todo um contexto histórico desses sujeitos. Todos fumaram por muitos anos, ou seja, havia uma rotina, um



hábito constante para esses sujeitos. Entre eles o que fumou menos tempo foi por 30 anos.

É importante observar que, embora a pergunta seja direta “quanto tempo você fumou”, praticamente todas as respostas apresentam a idade de início e fim “comecei aos...” e “parei aos...”. Como se fosse uma forma de registrar a ação de fumar em suas vidas, uma vez que começaram a fumar tão cedo. Ou seja, fumar fazia parte das suas vidas, das suas histórias. É preciso considerar ainda que todos começaram a fumar muito cedo, ainda na infância. O que intensifica ainda mais a relação com o cigarro.

A posição-sujeito é a condição necessária que permite ao sujeito enunciar nos espaços das relações sociais, marcados pelas disputas históricas.

Basta observamos o perfil dos entrevistados e descobriremos que todos eles começaram a fumar na fase da adolescência e da juventude, fase de suas vidas que coincide com o final da década de 1950 e início da década de 1960 e 1970, em que a explosão do consumo de tabaco definiu a consolidação econômica das indústrias fumageiras graças à produção de cigarros em escala industrial e ao processo agressivo de propaganda e marketing.

Assim, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, o ato de fumar tornou-se familiar e o cigarro, objeto de desejo de milhões de pessoas. A imagem da pessoa que fuma foi, por muitos anos, associada ao sucesso. Quem não se lembra do cowboy do MALBORO? mocinho bem-sucedido que dava conta do bandido? Ou então do FREE que estava associado às imagens de independência pessoal representado, muitas vezes, por mulheres lindas? E do CARLTON que oferece ao leitor-consumidor um raro prazer? Esses são alguns exemplos, dentre tantos, da imagem do cigarro associado ao prazer, ao bem-estar, etc.

Segundo Orlandi (2005, p. 50), “[...] o sujeito gramatical cria um ideal de completude, participando do imaginário de um sujeito mestre de suas palavras: ele determina o que diz”. Dessa forma, ele enuncia na ilusão de escolher e definir o que diz, de controlar os sentidos, mas não sabe que, antes, ele é determinado tanto por seu lugar subjetivo possível naquele determinado momento de sua enunciação quanto por sua

exterioridade, pela história que o atravessa, o que faz com que ele só tenha acesso a parte do que diz. Assim, dividido, o sujeito não tem como controlar os sentidos como um todo, pois eles podem sempre vir-a-serem outros na relação com o outro, nas variações do tempo e do espaço em que ocorrem as enunciações: Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas. Ele é assim determinado, pois se não sofrer aos efeitos do simbólico, ou seja, se ele não se submeter à língua e à história, ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos (ORLANDI, 2005, p. 50).

O sujeito do discurso, assim, tem uma materialidade linguística, e, portanto, é fruto de um entremeio entre movimentos metafóricos e metonímicos, paráfrase e polissemia, ele significa e é significado em determinadas condições pelo viés do interdiscurso, que sustenta seu dizer. Ele não é quantificável ou normatizável, mas é inscrito na/pela memória discursiva, que, por sua vez, está inscrita nas formações discursivas, que são inscritas nas formações sociais, e que se constituem nas injunções ideológicas.

## 2. O que te levou a fumar?

S1	Eu trabalhava na roça, fumava para afastar os mosquitos, eu ficava no meio deles.
S2	todo mundo fumava.
S3	Comecei no tempo da escola; tinha 12/13 anos; No grupo todos fumava parece que era moda.
S4	2) pra espantar os mosquitos, trabalhava na roça, fumava e eles sumiam tudo. E tb acendia o cigarro pro meu pai e fumava até chegar nele pra não apagar.

Nos recortes da Tabela 3 são apresentados os motivos que levaram os sujeitos a começar a fumar.

Em S1 “Eu trabalhava na roça, fumava para afastar os mosquitos, eu ficava no meio deles” e S4 “pra espantar os mosquitos, trabalhava na roça, fumava e eles sumiam tudo”, não se fumava por acaso ou por prazer, havia um motivo para fumar, uma



necessidade “espantar os mosquitos”. O que se coloca enquanto importância para os sujeitos que “trabalhavam na roça”, que desenvolviam um trabalho árduo. Sendo o cigarro utilizado como uma “proteção”. Portanto, fumar não era uma escolha, era uma necessidade do sujeito agricultor.

Ainda em S4 “E tb acendia o cigarro pro meu pai e fumava até chegar nele pra não apagar”, há justificativas para se fumar “acender o cigarro para o pai” e “não deixar o cigarro apagar”. Nesse caso também, o ato de fumar começou como sendo uma necessidade para o sujeito que, enquanto filha, precisava atender ao pai.

Já em S2 “todo mundo fumava” e S3 “Comecei no tempo da escola; tinha 12/13 anos; No grupo todos fumava parece que era moda”, o ato de fumar ocorre como sendo algo comum para época, então era preciso ser igual/não ser diferente.

O início a década de 1960 foi marcada por questões políticas, filosóficas, psicológicas e sociais. A “juventude transviada”, “geração beat” o estilo “rebelde”, todas essas mudanças culminaram numa contracultura. A “contracultura” era uma manifestação social que se opunha à cultura vigente. Os adeptos defendiam a liberdade e o prazer, condenavam a guerra o consumismo desenfreado, os padrões e as convenções sociais. Nessa década, o rock’n roll explodiu com o surgimento de várias bandas como: Beatles, The Rolling Stones, além de cantores de peso: Led Zeppelin, The Mama’s and The Papa’s, Gênesis entre outros. Junto com essa onda explodiu também o consumo de drogas, álcool e sexo. Tudo dentro da tentativa de romper com os padrões sociais impostos pela sociedade da época. Entre o desejo de liberdade e a revolta contra o sistema, crescia o consumo de drogas. Diante de todo esse clima de entusiasmo, euforia e revolta, o mundo jamais foi o mesmo depois de tantos sonhos de mudança.

No Brasil, a década de 60 foi marcada pela construção de Brasília, o fim do tumultuado mandato de Juscelino Kubitschek, a sucessão de Jânio Quadros e a ditadura militar sob o pretexto de livrar o país de ameaça comunista. A segunda metade da década de 60 foi marcada por grandes lutas políticas, sociais e ideológicas. Perseguições políticas, repressão e grande desejo de mudança. Nesse momento, algumas mudanças



culturais, científicas e tecnológicas são marcantes e direcionaram o rumo dos meios de comunicação.

Entre 1967 e 1968, temos os grandes festivais musicais que era uma força de luta contra ditadura militar. Nesse contexto, a linguagem dos meios midiáticos é influenciada pelas questões que assolavam o mundo. Sendo assim, as propagandas da década de 60 demonstram grande influência dos movimentos que aconteciam mundialmente. O tabagismo é marcado pelo desejo de liberdade. Em se tratando da década de 80, existem momentos marcantes da história do século XX. Foi considerado um período que caracterizou o fim da era industrial e início da era da informação. Os anos 80 foram decisivos para o avanço da modernidade, época que popularizou os computadores pessoais.

Enquanto as propagandas da década de 60 objetivavam persuadir o público masculino, tinham como foco principal a venda de produtos que viessem melhorar a sua aparência natural, ao contrário da publicidade direcionada ao público feminino que tinha a intenção de modificar a aparência da mulher. O “canal” de propaganda masculina veiculada na época pretendia realçar os traços naturais masculinos, oferecendo-lhes produtos que exteriorizavam a imagem de “o verdadeiro homem”, ou seja, chefe de família, trabalhador, austero, aquele a quem a mulher devia obediência de forma incondicional. Já o perfil masculino da década de 80 começava a dividir suas responsabilidades com o público feminino, tendo em vista que a mulher avançava em favor da igualdade dos direitos sem distinção de sexo. No mercado de trabalho, muitas mulheres começavam a liderar grandes grupos masculinos, o que incomodava muitos homens, em razão do machismo ainda predominante, herança de décadas anteriores.

Essa tendência ainda hoje é verificada seja nos meios de comunicação, seja no comportamento de adolescentes e jovens. Os sujeitos da pesquisa foram afetados por todas essas representações que o cigarro adquiriu nesse contexto, o que constitui um simbólico na língua, que afeta as relações do sujeito com o mundo.

Hoje já não é mais possível encontrar propagandas de cigarros em razão da lei nº10.167/2000, que visa proibir as propagandas, por esta razão, o consumo tem



demonstrado percentuais de diminuição. As propagandas de cigarros veiculadas na própria embalagem do produto reforçam a questão da saúde, ou seja, apresentam imagens de pessoas com doenças graves causadas pelo consumo do tabaco. O poder de persuasão desenvolvido na década de 60 e de 80, direcionado a incentivar o consumo de tabaco e visando proporcionar ou complementar momentos de prazer, foi substituído pelos malefícios que esse vício pode causar à saúde de quem fuma.

### 3. O que o ato de fumar significava para você?

S1	Chegava da roça, e acendia o cigarro, era um momento de prazer
S2	Status, com as outras pessoas
S3	Acendia o cigarro e tudo ruim ia embora, fome, falta de dinheiro, nervosismo, achava que passava com o cigarro, mas não passava nada.
S4	quando fumava eu ficava calma, muito calma

Nesses recortes, a relação entre o hábito de fumar e a representação simbólica desse ato é construída por ou nessas discursividades com o funcionamento da memória, tornando-se possível perceber, por meio dos rastros linguísticos e discursivos as marcas ideológicas que perpassam e (re) produzem o perfil dos entrevistados produzido nessas discursividades. Considerando as marcas ideológicas que permitem traçar o perfil do sujeito, temos em S1 “Chegava da roça, e acendia o cigarro, era um momento de prazer”. Nesse caso, o hábito de fumar se resumia num “prazer” quando a mesma “chegava da roça”, depois de um dia de trabalho pesado e estafante; “acendia um cigarro” e era como se tudo se esvanecesse, amenizasse a carga do dia estafante.

Para S3, ao acender um cigarro “tudo ruim ia embora”, o hábito de fumar era visto como um linimento, que dava a sensação de alívio, de que tudo ia embora: “fome, falta de dinheiro, nervosismo”. Ou seja, é como se o cigarro suprisse todas as necessidades: desde as físicas, como a fome; psíquicas, como o “nervosismo”, até às necessidades financeiras. Aqui é possível perceber o funcionamento do simbólico, uma vez que o sentido atribuído ao cigarro está no sujeito e não no que ele é, de fato. Basta lembrarmos da marca de cigarros Free que reforçava a ideia de que seria possível ser livre para se fazer o que deseja consumindo aquele produto. Já a propaganda de cigarros



Hollywood, apresentava imagens de esportes radicais, com uma trilha sonora voltada para ação praticada durante estes esportes, além de vincular a marca ao sucesso, conforme vinha grafado no maço e em itálico “O sucesso”. Por outro lado, o próprio sujeito, atualmente, percebe que toda aquela condição não passava de algo imaginário “achava que passava com o cigarro, mas não passava nada”.

O hábito de fumar, para S4, funcionava como um remédio relaxante que atuava apenas no psíquico: “quando fumava eu ficava calma, muito calma”. Assim como em S3, o cigarro é também compreendido como suprimindo uma necessidade, sendo um calmante.

Nosso sistema nervoso possui células especiais chamadas transportadoras, que levam substâncias como os hormônios e os neurotransmissores para locais específicos no cérebro. Esses elementos têm o poder de nos excitar ou relaxar e constituem as respostas naturais que damos aos estímulos do meio ambiente. Numa situação de perigo, por exemplo, as células transportadoras carregam noradrenalina (a popular adrenalina) para o cérebro. Isso causa irritação e estado de alerta. Nesse momento, todas as células do corpo “despertam” e o organismo fica preparado para lutar ou fugir, conforme a necessidade da situação.

O tabaco é rico em uma substância chamada nicotina, que estimula a produção de dopamina, um dos maiores mediadores químicos das células, que atua nos centros de prazer do cérebro. Sem a nicotina, o cérebro do dependente recebe menos dopamina. Para compensar, o organismo produz mais noradrenalina. Por isso a sensação de “calma, muito calma”, em S3. Por isso, quando alguém para de fumar, fica nervoso ou irritado

Diferentemente dos demais discursos, Para S2, o hábito de fumar se constituía num “status”, algo que a satisfazia perante os outros, ou que a igualava aos outros “Status, com as outras pessoas”. Essa impressão de status está relacionada à forma como o cigarro era concebido pelo sujeito. Ou seja, à representação, ao sentido atribuído pelo sujeito ao ato de fumar. Trata-se do simbólico que circulava na sociedade e era reforçado pelas propagandas em torno do uso do cigarro.



A propaganda, enquanto ferramenta de comunicação que informa, convence, anima, explica, motiva atitudes, modifica comportamentos, consolida e fortifica imagens, conceitos e reputações, também contribui para a construção de uma identidade corporativa. As estratégias das empresas fumageiras acabam influenciando o crescimento do consumo entre jovens. Referente a esse cenário, põe em evidência que a expansão do consumo de tabaco é um problema altamente complexo que envolve muito mais do que questões de bioquímica e clínica médica. Além dos jovens, as mulheres vêm sendo atraídas pelo cigarro cada vez mais, são identificadas como um importante grupo alvo da publicidade, tanto em países desenvolvidos quanto os em desenvolvimento. São gastos anualmente milhões de dólares em promoções dirigidas especificadamente ao público feminino, tais como as marcas “somente para mulheres” que associam imagens de mulheres bonitas fumando, com sucesso, e produtos especialmente fabricados para elas com diferencial que agrada esse público alvo cada vez mais. Como resultado destas estratégias, em vários países o tabagismo é atualmente mais comum entre adolescentes do sexo feminino.

Segundo Silva (2000, p. 91), “A identidade e a diferença são estritamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido”. S2, ao se posicionar que fumava por “Status, com as outras pessoas”, marca a sua diferença com o outro e identifica-se como alguém em conflito consigo, pois entre a identidade e a diferença há uma relação social.

Para Pêcheux (1997, p. 82), todo processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias. Para ele, na estrutura de uma formação social são designados lugares determinados; são os lugares que os interlocutores se atribuem, “a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. Nessa óptica, a representação do sujeito é efeito da relação que se estabelece com a forma-sujeito, a partir de uma posição imaginariamente assumida. Assim, S2, ao representar-se, reconhece o seu lugar: o lugar de uma pessoa que procura uma identidade, um outro, seu igual, sendo diferente, marcado na superfície linguística pela escolha lexical “com as outras pessoas”, identificando-se como um ser excluído.



O sujeito quando diz de si e de seu lugar, está fazendo associações e interpretações de seus desejos e vontades, suas fantasias, seus enganos, seus limites, suas falhas, sua incompletude. Por isso, a linguagem, enquanto questão primordial da constituição do sujeito, não pode servir como instrumento de comunicação ou transmissão de informação simplesmente. A linguagem carrega a rede de significantes. Portanto, identificação e inserção simbólica estão diretamente relacionadas à linguagem, pois é por ela que apreendemos o mundo. Quando nos referimos à linguagem não dizemos somente da fala, mas de toda a possibilidade de linguagem que o meio oferece. Contudo, a questão discursiva é aqui posta, pois a linguagem incorpora o discurso enquanto constitutivo do sujeito, que serão primordiais para o processo de reconhecimento de si e dos processos identificatórios. S2, ao enunciar “Status, com as outras pessoas” representa-se simbolicamente no discurso.

Cabe aqui o dizer de Pêcheux, citado por Maingueneau (1993, p. 11), uma vez que a leitura dos enunciados apresentados aqui se constitui apenas em um modo de leitura, dentre tantos outros possíveis. Compactuando-se com os pressupostos da AD, tivemos por finalidade apenas elaborar procedimentos que pudessem “expor o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito” em que o “desafio crucial” foi “o de construir interpretações, na tentativa de não as neutralizar seja por uma minúcia qualquer de um discurso, seja no espaço lógico estabilizado com pretensão universal”.

### **Considerações finais**

Neste artigo analisou-se os enunciados de sujeitos fumantes participantes do *Programa de Prevenção e Controle ao Tabagismo*, realizado no período de abril de 2010 a março de 2013, ofertado por meio de parcerias das esferas municipal, estadual e federal em Três Lagoas-MS. Estar no Programa implicava aos sujeitos fumantes integrarem ações como: participação das reuniões de grupo semanais, com psicólogo (pela abordagem em psicoterapia breve); uso de medicamentos (adesivos de nicotina e o ansiolítico bupropiona) e consulta prévia a pneumologista. Enquanto psicóloga do programa e pesquisadora, a pergunta que moveu essa pesquisa foi: a dependência do



fumante seria da nicotina ou trata-se de uma dependência simbólica do vício? Os sentidos do que seja a dependência simbólica do vício e a dependência da nicotina significam uma diversidade de posições discursivas, o que representam práticas discursivas e não discursivas ainda não estabilizadas na ordem do discurso da saúde.

Reconhecendo que a produção de sentidos de um discurso será sempre parcial porque a completude é impossível, tendo em vista que o objeto estará sempre sendo refeito pelo sujeito leitor que o atualiza e reatualiza-o na história, adiantamos a incompletude da descrição-interpretação discursiva por nós empreendida ao escolher esse *corpus* e efetuar sobre o mesmo o nosso “gesto de leitura”. Numa realidade social e histórica, somos obrigados a reconhecer que sempre ocupamos determinadas posições (e não outras) no conflito constitutivo das relações sociais.

Nos discursos analisados, tomados enquanto acontecimento, o seu lugar de inscrição material, bem como os efeitos discursivos num tempo e espaço já trazem em si uma demanda de sentidos e de historicidade, “perturbando a memória”, impondo-se perante ela e exigindo que sujeito, espaço e lugar passem a significar-se discursivamente, tomados em seu processo de constituição e em sua estabilidade de significação. Essa produção de sentidos permite-nos afirmar que, para os sujeitos da pesquisa, o hábito de fumar, antes de se constituir num vício, funciona nesse sujeito como uma dependência simbólica que esse sujeito tem do tabaco.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

HALL, Stuart. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, Tomaz T. (org.), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso.** Trad. Freda Indursky. Campinas. SP. Fontes. Editora da Universidade Estadual de Campinas. 3 ed. 1997.



\_\_\_\_\_. **Análise de textos de comunicação.** Trad. Cecília P. de Souza e Silva. 4 ed. São Paulo. Cortez. 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e texto:** formação e circulação de sentidos. 2 ed. Campinas. Pontes. 1990.

\_\_\_\_\_. **Terra à Vista:** Discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo. Cortez. Campinas. Ed. Unicamp. 1997.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso:** Princípios e procedimentos. 2 ed. Campinas-SP. Pontes. 2005.

\_\_\_\_\_. (org.) **Discurso fundador:** a formação do país e a construção da identidade nacional. 3 ed. Pontes. 2002.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do silêncio. 4 ed. 3 reimp. Campinas. São Paulo. Pontes. 2003.

PÊCHEUX, M. (1969). **Análise automática do discurso** (AAD-69). In.: F & HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso.** Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3.ed. Campinas, SP, Ed. Unicamp, 1997-1988.

\_\_\_\_\_. **A análise do discurso:** três épocas (1983). In: GADET, F. e HAK (org.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani et al. Campinas. Ed. da UNICAMP. 1990.

\_\_\_\_\_. *et al* (orgs.) *Gestos de leitura.* 2 ed. Campinas-SP. Editora da UNICAMP.1997.

\_\_\_\_\_. **Papel da memória.** In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da Memória.** Trad. José H. Nunes. Campinas. Pontes. 1999.

\_\_\_\_\_. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 2 ed. Campinas. Fontes. 2006.

PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. A. **A propósito da análise automática do discurso:** atualização e perspectivas (1975). In: GADETT, F. e HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethânia S. Mariani. Campinas. Ed. da Unicamp. 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). **Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

VIEGAS, Carlos Alberto de Assis. **Tabagismo do Diagnóstico à Saúde Pública.** São Paulo - SP: Atheneu, 2007.

Recebido Para Publicação em 21 de setembro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 03 de novembro de 2019.